

uma pedra litográfica sob o braço”, e “olhou em torno e viu pouco mais que um vasto *haras* onde se caldeavam raças. Havia a mucama, a mulatinha, o negro do eito, o feitor, o fazendeiro escravista, o *Jornal do Comércio*, dois partidos políticos, o Instituto Histórico e um neto de Marco Aurélio pelas cumeadas, a estudar o planeta Vênus por uma luneta astronômica. O feitor, embaixo, deslombava negros, a mucama, no meio, educava as moças brancas; no alto, uma boa intenção de *chambre* lia os Vedas no original”.

Agostini trazia grande inclinação para a pintura e incoercível sentimento de liberdade. Pela mão do padraсто, Antônio Pedro Marques de Almeida, percorreu a imprensa paulista, em que o lápis litográfico como arma de combate era desconhecido. Depois de uma fase de aclimação e ensaio, veio o *Diabo Coxo*, folha ilustrada que fundou, com Luís Gama e Sizenando Nabuco, com a colaboração ativa de Américo e Bernardino de Campos. Luís Gama, o mais velho, então nos seus 34 anos — os outros andavam pelos 25 — entregava-se ao seu apostolado de “promover processos em favor de pessoas livres, criminosamente escravizadas” e, como dizia, “auxiliar licitamente, na medida dos meus esforços, alforrias de escravos”. O *Diabo Coxo* começou a circular a 1º de outubro de 1864, em formato pequeno, com quatro páginas, parcamente ilustrado de início. Era impresso na Tipografia e Litografia de Henrique Schroeder, à rua Direita, 15, e assinava-se, de início, na Livraria de M. da Cunha, à mesma rua, e, depois, na própria tipografia. As assinaturas custavam 4\$000 na capital e 5\$000 no interior; o número avulso era vendido a 500 réis; media 18 por 24 centímetros e tinha quatro páginas. Foi bem recebido e logo comparado à *Semana Ilustrada*, que Henrique Fleiuss vinha publicando, na Corte, desde 1860. Viveu pouco mais de um ano com interrupções, até o número de 24 de novembro de 1865, revelando o estilo inconfundível de Ângelo Agostini. Foi impossível mantê-lo, pelas dificuldades financeiras. Nele, o extraordinário artista firmou suas posições libertárias, que devem ter contribuído muito para fazer gorar o empreendimento. O anticlericalismo, por exemplo, comprovado em notas como esta, da seção “Prêmios de Concurso”: “A quem souber porque anda a sandice tão ligada às coisas da Igreja: assinatura grátis de um ano do periódico *A Religião em São Paulo*”.

Agostini voltou, um ano depois e com os mesmos companheiros, com o *Cabrião*, jornal domingueiro que começou a circular a 1º de outubro de 1866, com sede na loja de Custódio Fernandes da Silva, à rua da Imperatriz, hoje XV de Novembro, 19, bem recebido pelos confrades da província e da Corte, o *Jornal do Comércio*, a *Revista Comercial*, o *Correio Paulistano*, a *Semana Ilustrada*. Custava 500 réis, preço alto para a época, e